

Notícias e Notas de Leitura

XIII Congresso Internacional da AHILA (Ponta Delgada, 3-7 de Setembro de 2002)

Teve lugar, na Universidade dos Açores, em Ponta Delgada, entre 3 e 7 de Setembro de 2002, o XIII Congresso Internacional da AHILA – Associação dos historiadores latinoamericanistas europeus, sob o tema “O Atlântico como elo de união de povos: Sociedades, Políticas, Economias e Culturas”.

O Congresso no qual participaram diversos especialistas dos continentes Europeu e Americano teve uma conferência de abertura, proferida pelo Prof. Doutor Avelino de Freitas de Meneses, da Universidade dos Açores, intitulada “Os Açores no centro do mundo: um propósito de reflexão histórica”. Nos três dias do evento funcionaram 19 mesas com os seguintes títulos e coordenadores: I) *Um fado tropical: História e política na música popular*. Coord. Marianne Wiesebron na ausência de Berenice Cavalcante (Brasil) e Florencia Garramuño (Argentina); II) *La economía marítima de América Latina y de las Filipinas, siglos XVI-XVIII*. Coords. Carlos Martínez Shaw (Espanha) e John Everaert (Bélgica); III) *Microhistoria en Hispanoamérica: Metodología, temas y líneas de Investigación. Las migajas y la pluralidad*. Coords. Pablo Serrano Alvarez (México) e Juan Andreo (Espanha); IV) *Entre História y memoria: Fuentes y métodos para una historia de Género*. Coords. Maria Rosario Stabili (Italia) e Sandra Carreras (Alemanha); V) *Intelectuales modernos e intelectuales tradicionales en América Latina, fines del siglo XIX y siglo XX*. Coords. Hugo Cancino (Dinamarca) e Nancy Leonzo (Brasil); VI) *Ciudadanía, representatividad y participación de los colectivos sociales en la reconstrucción de las naciones iberoamericanas durante el siglo XIX*. Coords. Armando Martínez Garnica (Colômbia) e German Cardozo Galué (Venezuela); VII) *Carreras e imágenes de la vida pública entre los siglos XVI y XVIII*. Coords. Manfredi Merluzzi (Itália) e José de la Puente (Perú); VIII) *La transformación de la propiedad en Europa y América (1750-1910). Individuos y Corporaciones*. Coords. Rosa Maria Martínez de Codes (Espanha) e Hans Juergen Prien (Alemanha); IX) *México y España: migración, diplomacia e intereses políticos y económicos. Siglos XIX y XX*. Coords. Josefina McGregor Garáte (México) e Pedro Pérez Herrero (Espanha); X) *El exilio político latinoamericano: siglos XIX y XX*. Coords. Georgette José Valenzuela (México) e Bruno Groppo (França); XI) *Novo e Velho Mundo: Relações Internacionais no século XIX*. Coords. Sandra M.L. Brancato (Brasil) e Jorge Martins Ribeiro (Portugal); XII) Simpósio Geral. Coord. John Fisher (Grã-Bretanha); XIII) *Los espacios femeninos en el mundo americano. Siglos XVI a XIX: Cultura, resistencia popular y poder*. Coords. Pilar Gonzalbo (México) e Berta Ares (Espanha); XIV) *Países del Sur de Europa y de América Latina: História dela familia y dinámica demográfica*. Coords. Agustín Grajales (México) e Norberta Amorim (Portugal); XV) *América en imágenes: cine, prensa cultural y política, comics*. Coords. Camilla Cattarulla (Itália) e Leticia Prislei (Argentina); XVI) *O Liberalismo em Portugal e no Brasil: génese e afirmação*. Coords. Braz Brancato (Brasil) e Eugénio dos Santos (Portugal); XVII) *Portugal e Brasil na construção do mundo atlântico, dos séculos XV aos nossos dias*. Coords. Fátima Sequeira Dias (Portugal) e Beatriz Vasconcelos Franzen (Brasil); XVIII) *Colectividades y los procesos de formación del estado nación moderno*. Coords. Romana Falcón (México) e Raymond Buve (Holanda); XIX) *El mundo agrario en América Latina y la Europa mediterránea: tierras, relaciones sociales y condiciones de vida*. Coord. Cándido Román (Espanha).

Nesta reunião, onde o debate, as trocas de ideias e os contactos entre os académicos presentes foram frutuozos, apresentaram comunicações cinco docentes do Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, os Professores Eugénio Francisco dos Santos (Presidente cessante da AHILA), Inês Amorim, Amélia Polónia, Maciel Morais Santos e Jorge Martins Ribeiro.

A exemplo de edições anteriores os trabalhos apresentados serão alvo de publicação nas Actas. O próximo Congresso, o XIV, terá lugar em 2005, em Castellón de la Plana, Comunidade Valenciana, Espanha.

III Curso de Verão do Instituto de História Contemporânea da FLUP História Contemporânea: Rumos da Investigação e da Didáctica (FLUP, 12 e 13 de Setembro de 2002)

O Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Letras do Porto levou a cabo, nos dias 12 e 13 de Setembro de 2002, a 3ª edição dos seus Cursos de Verão que contou novamente com os apoios do Conselho Directivo da FLUP e da FCT e elegeu como temática de reflexão a *História Contemporânea: Rumos da Investigação e da Didáctica*. Este tema suscitou, aliás, uma iniciativa paralela: a Biblioteca Central promoveu, por sugestão do IHC, uma mostra bibliográfica de trabalhos produzidos sobre História Contemporânea por professores da FLUP, bem como de dissertações realizadas no âmbito das sucessivas edições do Curso de Mestrado em História Contemporânea e do Mestrado em Relações Históricas entre Portugal, Brasil, África e Oriente. A exposição foi complementada por um catálogo elaborado pelos Serviços de Documentação e Informação sob o título *Produção Bibliográfica em História Contemporânea*, cuja introdução (da autoria do presidente do Departamento de História, Professor Jorge Fernandes Alves) evidencia as linhas temáticas mais representativas e refere que a amostra apresentada abarca largas dezenas de títulos, sendo todavia, necessariamente lacunar, “pois a produção dos docentes alarga-se a revistas que não emitem separatas ou compreende volumes que, por diversos motivos, não se encontram depositados na Biblioteca da FLUP”.

A visita guiada a esta exposição decorreu no fim da manhã do dia 12 de Setembro, após a realização da primeira conferência, proferida pela Professora Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro, docente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e vice-coordenadora do Centro de Estudos Interdisciplinares do século XX daquela Universidade. Na sequência da sua ampla investigação histórica e docência pós-graduada em Estudos Europeus, aquela professora tratou o tema *Os Intelectuais e a Ideia de Europa*, focando os momentos fortes de identidade europeia ao longo da centúria de Novecentos, pese embora a paralela fragilidade da consciência europeia e a subalternidade do sentimento europeu face aos sentimentos nacionais. Seguindo o pensamento de intelectuais europeus de diversos quadrantes nacionais e ideológicos, ao longo das diferentes conjunturas políticas do século, sublinhou o seu papel na elaboração de uma Europa da cultura. Na parte final da sua intervenção, Manuela Tavares Ribeiro apresentou o exemplo de intelectuais portugueses, demoliberais, socialistas e republicanos de Oitocentos e dos alvares do século XX, evidenciando o pensamento produzido em Portugal nos anos 20, necessariamente imbuído de ideais pacifistas como foi o caso dos articulistas da *Seara Nova*.

A sessão da tarde foi preenchida por duas comunicações, ambas proferidas por professores da Faculdade de Letras de Coimbra, Rui Bebiano e Irene Vaquinhas. O primeiro tem vindo a desenvolver um projecto de natureza multidisciplinar sobre culturas de juventude e participação cívica na segunda metade do século XX; neste contexto, apresentou um trabalho intitulado *Os jovens e a oposição em Portugal nos anos sessenta (1961-1975)* no qual sublinhou a autonomização definitiva da juventude como grupo social que logrou granjear protagonismo político e cultural. Apesar do fenómeno ter tido natureza internacional, Rui Bebiano explicou que a sua manifestação no nosso país assumiu contornos muito próprios e, a partir da observação de valores e práticas que juventude portuguesa então desenvolveu, pode perceber-se a sua contribuição para o aparecimento de uma cultura de oposição ao regime salazarista-marcelista e para a emergência de uma nova mentalidade política no pós-25 de Abril.

Escolhendo para título da sua intervenção *Linhas de investigação no âmbito da história das mulheres nos séculos XIX e XX. Ponto da situação*, Irene Vaquinhas – ela própria especialista em história do género e autora de várias obras sobre a temática – apresentou um balanço exemplar, e tanto quanto possível exaustivo, da evolução da história das mulheres nas últimas décadas, em Portugal, desde a sua emergência como

área de estudos até à implantação institucional, equacionando o seu lugar no contexto da historiografia actual. Paralelamente, esta análise definiu as principais linhas de rumo da investigação e produção bibliográfica sobre a história das mulheres na época contemporânea.

No dia seguinte, a temática feminina esteve ainda presente através da comunicação da professora Pilar Cagiao Vila, da Universidade de Santiago de Compostela, intitulada *Migraciones femeninas en perspectiva comparada*. Por sua vez, a intervenção que se seguiu cruzava a temática da emigração e da educação, áreas de investigação e docência de Vicente Peña Saavedra. Tomando por título *As Escolas que viñeron de alén mar, Galicia sécs. XVII-XX*, a comunicação deste professor da Universidade de Santiago de Compostela analisou a acção beneficente na área do ensino protagonizada por emigrantes galegos no continente americano – quer a título individual, quer associados em Sociedades de Instrução –, concluindo que ela representou um factor de estímulo decisivo no processo de institucionalização e difusão da oferta escolar na Galiza.

O curso foi encerrado por Adérito Tavares, docente da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa de Lisboa, que apresentou ao auditório o tema *As Novas Tecnologias no Ensino da História*. Considerando que a nossa civilização se transformou numa sociedade da informação, ou seja, a posse de informação tornou-se a verdadeira fonte de riqueza e poder, aquele professor ressaltou que o domínio das novas tecnologias permite melhor desempenho em qualquer área profissional. Estes princípios foram seguidamente aplicados em casos concretos do ensino da História.

As intervenções referidas e os debates suscitados foram moderados pelos professores Jorge Alves, Luís Alberto Marques Alves e Maria da Conceição Meireles Pereira, membros do Instituto de História Contemporânea e responsáveis pela coordenação do curso.

Finalmente, realce-se a grande adesão suscitada por esta iniciativa que contou com mais de 120 inscrições, incluindo os alunos dos Mestrado de História Contemporânea e de História da Educação que então iniciavam o seu ano curricular.

Maria da Conceição Meireles Pereira

“La storiografia portoghese del Medio Evo e del Renascimento” (Roma, 9 de Outubro de 2002)

Este seminário, dedicado à reflexão de “La storiografia portoghese del Medio Evo e del Renascimento”, teve lugar em Roma e foi organizado pelo Istituto Storico Italiano per il Medio Evo e pelo Istituto di Storia dell’Europa Mediterranea, tendo sido a primeira iniciativa científica promovida por esta instituição criada recentemente. Este encontro está integrado num plano mais vasto de sessões, que se dedicam ao aprofundamento das tendências actuais das escolas e orientação dos estudos medievais no âmbito internacional. Da Faculdade de Letras do Porto intervieram os Prof. Doutores Luís Adão da Fonseca, Luís Miguel Duarte e Paula Pinto Costa.

Paula Pinto Costa

“Frontiere del Mediterraneo” (Cagliari, 10-12 de Outubro de 2002)

Este encontro teve lugar em Cagliari e foi organizado pelo Istituto di Storia dell’Europa Mediterranea (CNR), pelo Dipartimento di Studi Storici, Geografici e Artistici da Universidade de Cagliari e pelo

Instituto de Documentação Histórica da Universidade do Porto. Entrevieram docentes e investigadores das Universidades de Sevilha, Málaga, Ca'Foscari de Veneza, Malta, Marrakech, Tunisia-Manouba, Cagliari e Porto e do Istituto di Storia dell'Europa Mediterranea. De Portugal participaram os Prof. Doutores Luís Adão da Fonseca, Luís Miguel Duarte e Paula Pinto Costa.

Paula Pinto Costa

Colóquio Humanismo Latino na Cultura Portuguesa (Porto, 17 a 19 de Outubro de 2002)

O Colóquio HUMANISMO LATINO NA CULTURA PORTUGUESA realizou-se na Faculdade de Letras da Universidade de Porto nos dias 17-19 de Outubro de 2002, como padrão inicial da CÁTEDRA HUMANISMO LATINO. O programa do colóquio, em que participaram intelectuais ligados a várias Ciências Humanas, na sua maioria docentes universitários, pretendeu ser um ponto de partida para o projecto da Cátedra, constituindo uma reflexão rigorosa, crítica e interdisciplinar sobre o Homem, via Humanismo Latino, nos seus múltiplos valores e facetas, não esquecendo os encontros e desencontros com outras culturas e outros Humanismos. Esses valores ao longo dos tempos demonstraram-se suficientemente sólidos para servirem de suporte à essencial manutenção da dignidade do indivíduo, como ainda puderem constituir num suporte firme, hoje também urgente para a convivência pacífica entre os indivíduos, as sociedades, as culturas, as mentalidades.

A Cátedra Humanismo Latino é uma associação virada para o ensino e investigação, constituiu-se por escritura pública de 4 de Dezembro de 2001 e tem a sua sede na Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Trata-se duma instituição de direito privado, dirigida a todo o país e aberta à cooperação com todos os espaços de língua portuguesa. Esta Cátedra filia-se na Fondazione Cassamarca, sediada em Treviso e ligada a um banco italiano. Esta Fundação investe os seus lucros em acções em prol da cultura humanista e do resgate da memória histórica. Nessa perspectiva desde o seu início tem realizado uma actuante presença no campo da pesquisa sobre a história e influência do humanismo latino no mundo, enfatizando e pondo em contacto as diversas culturas com componentes e valores de raiz latina. Daí toda uma acção que se desenvolve num intenso itinerário de congressos internacionais sobre a temática, assim como através do financiamento de cátedras de pesquisa que possibilitam a reflexão, o estudo e a promoção dos princípios e valores do Humanismo Latino.

As cátedras universitárias são actualmente mais de trinta, com sedes em universidades da Austrália, Argentina, Brasil, Canadá, Estados Unidos, Suíça e agora Portugal. De notar, que para a Fondazione Cassamarca o papel das universidades como alfobres de cultura é uma realidade, pelo que as considera os agentes correctos para a realização destes objectivos.

Objectivos

Entende-se por “grandes objectivos” as direcções estratégicas de actuação, o que corresponde a linhas de orientação no longo prazo.

1. Lançar problemáticas e fazer circular conhecimentos relacionados com o humanismo latino, tendo como alvos preferenciais o ensino superior e a restante intelectualidade socialmente interveniente. O humanismo latino existe no espaço português e de influência portuguesa como tradição histórica, como património genético, como padrões culturais profundamente enraizados. Para que os valores humanistas se reassumam como referencial, como prática cultural, como lógica de intervenção há que levá-los para o consciente colectivo como problemática intelectual e social.

2. Estudar e divulgar a realidade do humanismo latino em Portugal e nos PALOP. Neste contexto é particularmente interessante identificar as interculturalidades do encontro latino/muçulmano e latino/banto. Na linha do afirmado no ponto anterior há que olhar para o humanismo latino de uma forma criativa, encontrando em cada espaço geográfico-social as especificidades que o enriquecem. O que há de específico na Península Ibérica, nomeadamente em Portugal, é a grande interligação entre as civilizações latina, árabe e africana. Que interagiram neste espaço e que se espalharam pelo mundo nas épocas das navegações portuguesas e da colonização portuguesa. Nas relações com África os contactos culturais foram essencialmente com a muçulmana, mais uma vez, na região subsahariana, e com a cultura banto, na região subsahariana e no tráfico de escravos.

3. Lançar, a médio prazo, um mestrado interdisciplinar sobre Humanismo. Os mestrados e os doutoramentos são hoje formas essenciais de promover a investigação de forma duradoira e de estabelecer relações intelectuais fortes entre académicos e outros intelectuais. Particularmente verdade em temáticas de investigação que não estão directamente relacionadas com a actividade económica e com a possibilidade de investigação gerida pelas empresas. Assim a montagem de um tal mestrado, passo prévio a um eventual programa de doutoramento, quando houvesse já suficiente massa crítica e consolidação institucional, assume-se com uma meta importante. Um mestrado em humanismo é a institucionalização de um olhar sobre a sociedade e o homem numa leitura tão multidisciplinar, ou pós-disciplinar se para tal houvesse engenho e arte, quanto a multidimensionalidade humana e a diversidade de problemática sociais com que o homem se defronta.

4. Colaborar com a Fondazione Cassamarca em todas as iniciativas consideradas convenientes. O Centro de Investigação Humanismo Latino Portugal-África nasce por iniciativa de Fondazione Cassamarca e faz parte de um conjunto de instituições que têm os mesmos objectivos gerais. A sua existência e virtualidades passa pela colaboração em rede.

Actividades

Para se atingir os objectivos estratégicos é necessário tomar como referência um espaço geográfico-social-institucional e concretizar um conjunto de acções que aqui designamos de actividades. Essas actividades tomam como base Portugal, em cujo território se estabelece a organização e se promove o protocolo conducente à construção da Cátedra, mas estende-se aos PALOP. Pode-se considerar como actividades típicas:

a) Criação e funcionamento de “disciplinas livres” (podendo assumir diversas formas: dentro de uma disciplina existente de doutoramento, mestrado ou licenciatura ou autónoma, curricularmente obrigatória ou facultativa, etc.; e organizações: pelos elementos da Cátedra, sob a forma de colóquios, integrado nos estágios, etc..)

b) Organização de eventos culturais ou apoio à organização daqueles, em torno do humanismo

c) Apoio a projectos de investigação (nomeadamente através de bolsas de mestrado, doutoramento e investigação)

d) Entrelaçamento institucional com outras instituições no espaço de língua portuguesa que contribuam ou possam contribuir para o estudo e divulgação do humanismo latino

e) Edição de materiais: edição tradicional em papel ou electrónica.

Itsas Antropologiako IV. Jardunaldiak - IV Jornadas de Antropologia Marítima

“El cambio tecnologico, economico, social y cultural en la pesca artesanal y en el ambito maritimo en general”

(Bermeo, 8 e 9 de Novembro de 2002)

Decorreu, a 8 e 9 de Novembro de 2002, na comunidade piscatória de Bermeo, a cerca de 40 quilómetros de Bilbao, País Basco, as *IV Jornadas de Antropologia Marítima*, dedicadas ao estudo do significado das mudanças tecnológicas, económicas, sociais e culturais da pesca artesanal, no âmbito das actividades marítimas em geral (*El cambio tecnologico, economico, social y cultural en la Pesca Artesanal y en el ambito maritimo en general*).

Organizado pela “Sección de Antropología-Etnografía de Eusko Ikaskuntza / Sociedad de Estudios Vascos”, e coordenado pelos investigadores Anton Erkoreka, Juan A. Rubio-Ardanaz e Juan A. Apraiz, este encontro insere-se num conjunto, sequencial, de jornadas de trabalho, organizadas, desde 1995, por aquela Secção da *Sociedad de Estudios Vascos*. O elenco das realizações dos últimos anos encontram-se já materializadas na publicação das respectivas actas (*Cuadernos de Sección. Antropología-Etnografía*), cujo elenco se poderá consultar no site www.euskoshop.com.

O encontro de Bermeo surgiu num contexto delicado, de alguma crise do sector das pescas, fortemente condicionado pelas directrizes comunitárias, numa altura em que se balizam os recursos piscatórios perante as agressões marítimas, o avanço tecnológico frente às restrições de pesca e as difíceis adaptações do sector artesanal em relação aos avanços industrializadores.

Daí a reflexão em torno das alterações da pesca artesanal durante o século XIX e XX, e dos factores responsáveis por essas alterações. Como sugestão de trabalho, a organização propunha, aos participantes, algumas perspectivas de observação que, à vez ou em simultâneo, poderiam ser tomadas como referenciais no processo de mudança, em curso, no seio das sociedades marítimas: factores técnicos e tecnológicos; factores ecológicos e biológicos; factores económicos; factores sociais e culturais, etc..

Na sequência das áreas definidas acentuou-se o carácter interdisciplinar e pluridisciplinar das Jornadas, assinalando-se a participação de especialistas de áreas das Ciências Sociais, como sejam: a Antropologia, História, Sociologia, Psicologia Social, Linguística, Geografia, Urbanismo, Ciências Económicas e Políticas, Direito, etc..

No âmbito daquelas linhas de força, foram apresentadas 28 comunicações (submetidas a um processo de selecção prévio), segundo um formato que oscilava entre a exposição e o debate, evocando questões de objecto e de análise metodológica (entre os desafios teóricos propostos pela evolução tecnológica e as respostas concretas em termos de variações tipológicas, de lugar para lugar), reflexão cujos resultados serão publicados brevemente.

Como balanço final, foi aprovado um texto, posteriormente difundido, por via electrónica, que, como participantes neste encontro, subscrevemos inteiramente, tendo em conta a pertinência da projecção actual das questões em torno da pesca em geral e da pesca artesanal em Portugal, e que transcrevemos integralmente:

A Sociedade de Estudos Vascos – Eusko Ikaskuntza, convocou as Jornadas de Estudo sob o título “El Cambio Tecnológico, Económico, Social y Cultural en la Pesca Artesanal”. A esta chamada responderam diferentes investigadores, especialistas, em diferentes perspectivas, sobre o tema: ciências sociais, economia, direito, biologia e outras disciplinas afins ao tema da pesca, vinculados a Institutos de Investigação e Universidades de Euskal Herria/Catalunha, Galiza, Andaluzia, Cantábria, Portugal e França.

Na sequência destas sessões de trabalho chegou-se às seguintes conclusões:

- a percepção social, política e económica que se tem sobre o sector pesqueiro artesanal não corresponde à complexidade e riqueza que o caracteriza;
- constatou-se que se produziram mudanças de diferente natureza e de intensidade diferente. Contudo, as consequências da interação entre as alterações observadas necessitam de um estudo mais aprofundado;
- estas lacunas permitiram que uma parte significativa das políticas sobre sector artesanal não tenham sido tão frutíferas como potencialmente poderiam ter sido;
- esse défice de conhecimento terá também induzido a que, numa perspectiva geral (social, científica, etc.) o sector artesanal seja hoje considerado, erradamente, como um sector marginal e sem expectativas de futuro;
- o futuro da pesca artesanal passa por um aprofundamento urgente do conhecimento actualizado acerca das consequências concretas daquelas interações nomeadamente: a dificuldade em completar tripulações, a instabilidade dos preços e das capturas, a continuação das deficientes condições de trabalho, as práticas extractivas inadequadas, etc....

Inês Amorim

I Congresso de História Marítima da Catalunha (Barcelona – Museu Marítimo de Barcelona - 13, 14 e 15 de Novembro de 2002)

Realizou-se, em Barcelona, nos dias 13 a 15 de Novembro de 2002, o “I Congr s d’Historia Marítima de Catalunya”, organizado em parceria pelo Museu Marítimo de Barcelona e pela Sociedade Catal  de História da Ciência e da Técnica.

O Congresso, que assumia como objectivo principal o de aprofundar o conhecimento da tradi o marítima da Catalunha, em particular dos dois últimos séculos (XIX e XX), estruturou-se nas seguintes áreas temáticas:

- Economia e mundo empresarial
- Infra-estruturas e obras públicas
- Etnologia marítima
- Barcelona marítima
- Ciências náuticas e tecnologia

Esta última sessão, coordenada pelo núcleo da Sociedade de Ciência e da Técnica, correspondeu   realiza o do “VII Encontro de História da Ciência e da Técnica”.

Realizado em mesas de trabalho consecutivas, segundo o modelo de apresenta o de conferências e comunica es, teve como conferencistas, nas diversas áreas apontadas:

- Jesús Maria Valdaliso (Universidade do Pa  Basco)
- Luís Montero (Administrador do porto de Barcelona)
- Jose Luís Alegret (Universidade de Girona)
- Enric García (Museu Marítimo de Barcelona)
- Francesc Xavier Barca (Universidade Politécnica da Catalunha).

Contou ainda o congresso com a participa o de cerca de trinta especialistas de diversas universidades espanholas, a par de dois congressistas da Faculdade de Letras do Porto.

Proseguindo, por um lado, a apresentação de perspectivas de síntese, nas diversas áreas temáticas enunciadas, e por outro lado, a formulação de desafios de investigação e o debate de questões historiográficas de ponta no domínio da história marítima em geral e da história portuária em particular, o encontro proporcionou uma abordagem cruzada e complementar de áreas de saber frequentemente desenvolvidas em paralelo, mas de imprescindível intersecção para o esclarecimento de dinâmicas históricas próprias de espaços, economias e sociedades marítimas. Esse afigura-se-nos ser o contributo maior desta realização, ao promover, numa perspectiva inter-disciplinar, o debate entre especialistas ligados a áreas da história económica e empresarial; da ciência e da técnica; da engenharia civil e hidráulica e da etnologia e antropologia marítimas.

Amélia Polónia

AMORIM, Inês (coord.), 2002 – *Qualificações, Memórias e Identidades do Trabalho*, Lisboa, Instituto do Emprego e Formação Profissional.

A qualificação do trabalho é uma problemática polissémica aonde cabem questões como as atribuições de diplomas, as competências exigidas num posto de trabalho ou a experiência individual, surgindo frequentemente problemas de compatibilidade entre as diversas vertentes assinaladas. Por outro lado, como experiência social, o trabalho é sempre produtor de identidade, que se revela de diferentes formas e se exprime por diversas manifestações. Eis um conjunto de problemas que interessam a áreas disciplinares como a sociologia do trabalho, a sociologia das profissões, a história económica e social e suas ramificações (história do trabalho, história das técnicas, etc.), a psicologia e a psicologia social, entre outras.

Ganha por isso relevo a publicação do volume em referência, o qual tem por base as comunicações apresentadas no seminário interdisciplinar «Classificações Sociais e Classificações Ocupacionais», realizado em 7 e 8 de Outubro de 1999, na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no âmbito do projecto PACO, em cuja equipa se integram historiadores desta Faculdade.

A profissionalidade dos economistas, as transformações nos sistemas tecnológicos, as novas formas de organização do trabalho (a polivalência), alguns tipos profissionais (química, têxtil, tipógrafos e designers, vidreiros) a vida doméstica, questões técnicas ligadas à utilização de fontes históricas, a identidade nos pescadores, as ocupações históricas em Lisboa do século XVIII, são temas que perpassam neste volume e que podem interessar múltiplos investigadores e diversas áreas de investigação.

Sublinhe-se, das conclusões de um painel assinadas por João Arriscado Nunes: «Tal como acontece com as sociedades contemporâneas, também em diferentes momentos históricos no passado encontramos modos de descrever, nomear e classificar o mundo e a sociedade que recorrem a uma pluralidade de dimensões. A identificação das dimensões que, num dado contexto, são relevantes para a compreensão histórica ou sociológica de uma sociedade obriga a considerar a existência de um duplo processo de classificação, protagonizado, por um lado, pelos actores sociais e, por outro lado, pelos investigadores. É do encontro do diálogo e das tensões que marcam esse duplo processo que emergem as categorias que a historiografia consagra como apropriadas à descrição e análise das sociedades do passado» (p.339).

Jorge Fernandes Alves

CAPELA, José Viriato; SILVA, António Joaquim Pinto da, 2001 – *Vila Nova de Famalicão nas Memórias Paroquiais de 1758*, Vila Nova de Famalicão, Câmara Municipal.

As memórias paroquiais de 1758 constituem uma fonte recorrente para a historiografia de âmbito local, mas o facto de grande parte ainda permanecer inéditas e de as publicadas se apresentarem de uma forma quase sempre dispersa tem impedido a sua utilização sistemática para estudos de maior alcance espacial. É essa lacuna que começa agora a ser coberta com a publicação das memórias, a partir dos trabalhos de transcrição, preparação da edição pelos concelhos actuais e de realização de estudos introdutórios. É esta uma tarefa que vem sendo realizada por uma equipa da Universidade do Minho, coordenada por José Viriato Capela, de que o volume acima referenciado é apenas um exemplo, pois já vieram a lume as edições relativas a Fafe e a Terras de Bouro, outros estando na calha para publicação.

Tomando como exemplo o volume relativo a Vila Nova de Famalicão, refira-se que o estudo introdutório procura explicar a génese das memórias paroquiais, avaliando o seu contributo para a descrição do país, contextualizando esta produção no âmbito da informação diocesana, dos inquéritos promovidos pela Academia Real da História e de outras preocupações memorialísticas da época, recensando ainda a bibliografia actual sobre estes temas. Procura-se depois caracterizar o território em causa através das infor-

mações fornecidas pelas memórias, desde os espaços administrativos, a população, a economia, a sociedade, passando ainda pelos suportes e indicadores da religiosidade das colectividades referenciadas.

Com a publicação destas memórias, no âmbito de um projecto que procura cobrir o Norte do País, abrem-se novas perspectivas à investigação, colocando ao dispor do investigador um enorme manancial de informação relativo aos meados do século XVIII, que permitirá conhecer mais profundamente a espessura histórica da vida paroquial, relevando-se um trabalho de mérito nestas edições.

Jorge Fernandes Alves

CAPELA, José, 2002 - *O Tráfico de Escravos nos Portos de Moçambique*, Porto, Edições Afrontamento.

José Capela, actual investigador do Centro de Estudos Africanos, da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, apresenta uma vida cheia de ligação a Moçambique, desde que, após a conclusão do curso de Teologia, foi nomeado chefe de redacção do Diário de Moçambique, para lá da sua intervenção em Portugal, nomeadamente no Porto, aonde, em 1970, iniciou, como editor, a publicação do jornal *Voz Portucalense*.

Autor de uma vasta bibliografia de temas relacionados com África e as relações coloniais, procura, no livro acima referenciado, desenhar «o que foi a exportação sistemática de escravos a partir da costa moçambicana do Índico, no período que vai de 1733 até aos primeiros anos do século XX».

O presente estudo, fruto de uma longa e amadurecida investigação, fornece, pois, um panorama da actividade escravista no território, incluindo, em anexo, um minucioso reportório dos navios que traficaram escravos em Moçambique. Naturalmente, o estudo apresentado começa por circunscrever a questão ideológica subjacente à prática do tráfico escravista de tipo colonial face a outras práticas de escravidão verificadas na região, sublinhando o papel da escravatura como «charneira para a interpretação da história colonial de Moçambique». Sublinha depois as orientações geográficas do tráfico (transíndico e transatlântico), caracterizando os períodos mais incisivos, para se deter depois no levantamento dos comerciantes e armadores negreiros e da sua organização em rede («quem foram, como se organizaram e como estabeleceram as suas relações comerciais»). Procura estabelecer, no âmbito das limitações inerentes a uma actividade deste tipo em que os documentos escasseiam, a economia do tráfico, tacteando os rendimentos alfandegários a este respeito, avaliando capitais, financiamentos e mercadorias envolvidas, registando alguns preços. A geografia do tráfico é outra das preocupações do autor, registando e cartografando portos, rotas e caravanas. Acompanha depois o «passadio dos escravos», desde a sua captura, a viagem para a costa, o embarque, o transporte e suas características, a alimentação, a mortalidade, as doenças, as rebeliões e os destinos dos escravos libertados. Procura, finalmente, avaliar os efeitos desta «razia das pessoas», desta «devastação material e social» no domínio das mentalidades, das relações políticas e culturais, nas ideologias revolucionárias do território.

Pela sistematização da problemática que equaciona, pelos dados de arquivo que apresenta, o presente estudo de José Capela constituirá uma referência obrigatória para quem se debruçar sobre estes temas, acrescentando mais um título de grande qualidade à já volumosa bibliografia de preocupação africana do autor.

Jorge Fernandes Alves

LEAL, Ernesto Castro (org.), 2001 – *O Federalismo Europeu. História, Política e Utopia*, Lisboa, Edições Colibri.

Eis um volume que reúne as actas de um colóquio luso-espanhol subordinado ao tema que dá título ao volume e realizado na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, em 18 e 19 de Maio de 2000, para trazer à «reflexão crítica a questão europeia, entrelaçando a problemática do federalismo com as da identidade nacional, do nacionalismo, do regionalismo e da cidadania europeia», na sequência de outros encontros anteriores promovidos pelo Instituto de História Contemporânea.

A abrir o volume, surge um dos textos mais interessantes e inovadores, o de João Medina sobre «o euro, moeda federal e dessacralizada». Apesar de se configurar como um texto breve, vale a pena transcrever, a seguinte passagem, pela acutilância da sua observação:

«Observada do ponto de vista da história das formas simbólicas, a criação do Euro representa mais do que o advento de uma simples unidade monetária ou de uma mera moeda de tipo federal, transnacional ou pós-nacional, já que o Euro traz consigo, pelo facto de ser uma moeda de uma união de países, um cariz novo que, de algum modo, não pode deixar de remeter para a evolução da própria função e ideia do que é uma moeda. Com ele a moeda dessacraliza-se de vez, erguendo-se a um estatuto novo que faz dela uma entidade quase virtual, manipulada por cartões de plástico, despojada da carga solene que lhe vinha de séculos da sua precursora metálica, emanção do Estado e da sua pompa, pelo que falsificá-la se traduzia forçosamente em crime de lesa majestade, uma vez que só o Estado podia arrogar-se o direito soberano de cunhar moeda: o Estado era a moeda porque a moeda era o soberano, a potestade soberana de cunhá-la. Fazer moeda falsa equivalia, nesta perspectiva, a usurpar uma dignidade que só o Estado – ou o seu soberano visível e dinástico – detinha. Com o Euro entra-se, assim, na nova história da moeda, agora totalmente dessacralizada de qualquer residualidade de soberania estatal nacional, articulada com o poder e a simbolização do próprio monarca do Estado moderno absoluto».

Do maior interesse são ainda os restantes textos da colectânea, abordando temas como a língua como factor de identidade (M. Helena Mira Mateus), cidadania e nação (José Tengarrinha), republicanismo e cosmopolitismo (Leonel R. dos Santos), a Europa enquanto metáfora romântica (João Flor), o iberismo no republicanismo federalista português (Amadeu Carvalho Homem), Oliveira Martins e o federalismo oitocentista (Sérgio Campos Matos), o centralismo e o regionalismo (António Ventura), o federalismo republicano (Ernesto Castro Leal), a União Federal Europeia (António C. Lopes), o salazarismo e a ideia da Europa (Norberto Cunha) as hesitações federalistas em África (Isabel Castro Henriques), assim como o federalismo e nacionalismos na Espanha contemporânea, por Justo Beramendi.

Jorge Fernandes Alves

MENDES, José Maria Amado, 2002 – *História do Vidro e do Cristal em Portugal*, Lisboa, INAPA.

Com um belíssimo tratamento gráfico, o que acicata desde logo a curiosidade do leitor, eis um livro que se configura como um elemento inovador em Portugal, ao oferecer a monografia de um sector industrial relevante na indústria portuguesa, como é o caso da indústria do vidro. Com uma importante obra historiográfica anterior neste domínio industrial (com histórias das empresas Santos Barosa e Ricardo Gallo), bem como no conhecimento da região (é autor de uma História da Marinha Grande), para além de uma obra geral devotada ao estudo da indústria em geral, Amado Mendes surge como o autor indicado para nos oferecer o presente estudo de conjunto sobre a história do vidro em Portugal, numa perspectiva patrimonial.

O livro está estruturado em cinco capítulos, após um introdução em que faz o balanço da historiografia do sector. Numa primeira abordagem, define-se o objecto “vidro”, a sua composição e formas de

produção ao longo do tempo, salientando-se o fascínio que, desde sempre, este material provocou, como material de uso e como material de luxo, ao mesmo tempo que se oferece uma perspectiva da evolução tecnológica naqueles domínios. Os restantes quatro capítulos do livro desenrolam-se em torno da evolução na produção do vidro em Portugal.

Assim, o segundo capítulo, aborda os alvares da produção vidreira em Portugal, marcada pela dispersão de artistas e artesãos, avaliando nomeadamente o contributo estrangeiro para este tipo de produção nacional. A fábrica do Covo, em Oliveira de Azeméis, e o seu trajecto particular mereceu uma atenção particular, bem como o percurso social dos seus proprietários. A vidraça e os vitrais, ou seja, o vidro plano, constituem outro tópico interessante, servido por belíssima iconografia.

O ciclo de uma primeira fase de concentração produtiva, sob a forma de manufacturas, deu origem ao capítulo seguinte, desenvolvido em torno da formação de novos centros vidreiros entre os séculos XVIII-XIX. A fábrica de Coima, no Barreiro, e a sua posterior transferência para a Marinha Grande, bem como o papel da fábrica de João Beare (1747-1767), são apontados como os alicerces da indústria local que, com o fomento pombalino, teve a sua afirmação na Real Fábrica de Vidros, com base no privilégio concedido, em 1769, a Guilherme Stephens, fábrica a que naturalmente o autor dedica grande atenção, a qual de resto tem sido objecto de variada atenção historiográfica. Pelo século XIX, naturalmente, surgiram várias iniciativas fabris, à medida que a utilização do vidro se vulgarizava. Nem todas as iniciativas floresceram, várias ficaram pelo caminho, destacando-se a Fábrica de Vista Alegre, por iniciativa de José Ferreira Pinto Basto, já erguida em período de livre iniciativa (1824).

O posicionamento da indústria do vidro perante a revolução industrial é equacionado no quarto capítulo da obra de Amado Mendes, que sublinha a persistência das características artesanais até muito tarde, situando pelos finais do século XIX os primeiros efeitos das novas tendências tecnológicas, o que se desenvolve num novo contexto de concorrência e especialização, em que múltiplas unidades surgem (recenseadas pelo autor). Só pela década de 1940 se avança para a produção mecânica do vidro plano, o que ocorre no âmbito de um dos primeiros exercícios de reorganização industrial: trata-se do processo que culmina na fundação da Covina (1941), a qual passa a concentrar toda a produção nacional de vidro plano. A garrafaria e a cristalaria são outros subsectores abordados.

O livro termina com um capítulo dedicado à arte: «o vidro na arte e a arte no vidro – do artesão ao ‘designer’», no qual se abordam as potencialidades do vidro neste domínio e se abordam alguns resultados, dando-se relevo ao trabalhador «vidreiro» e à trajectória que o conduziu de artesão a artista. O tópico sobre a «revolução da cristalaria» na região da Marinha Grande, na década de 1990, encerra este livro belíssimo e extremamente útil tanto para se poder apreender a trajectória industrial do sector, como para funcionar como ponto de partida para estudos mais particulares.

Jorge Fernandes Alves

Revista de Historia Militar, 1999. “Índice Generale (Números 1 al 85)”, Madrid, Instituto de Historia y Cultura Militar, 171 páginas.

Este índice geral da Revista de Historia Militar está organizado em seis capítulos os quais abordam não só os autores e os títulos dos trabalhos inseridos nos 85 números publicados até 1999, como também se referem a estudos de História Universal, de História de Espanha, englobando ainda um índice geográfico e um temático.

Consideramos ser este índice um excelente contributo para os investigadores da História Militar pois, pela forma como está estruturado, permite uma consulta rápida e eficaz dos variadíssimos artigos publicados até então.

Maria Fernanda Mendes Ferreira Santos

Revista de Historia Militar, 2001. “Conquistar y defender. Los recursos militares en la Edad Media Hispanica”, número extraordinário, Madrid, Instituto de Historia y Cultura Militar, 422 páginas.

Este volume extraordinário da “Revista de Historia Militar” foi publicado em Espanha em Maio de 2001 e é constituído pelos trabalhos apresentados por vários estudiosos nas *Jornadas de Historia Militar en la España Medieval: Conquistar y defender. Los recursos militares en la Edad Media Hispanica*, que se realizaram no Outono de 2000 na sede do Instituto de Historia y Cultura Militar (Madrid). O coordenador destas Jornadas foi o professor Miguel Ángel Ladero Quesada, da Universidade Complutense de Madrid, membro da Real Academia de Historia e historiador bem conhecido nos meios académicos portugueses.

Na revista, a apresentação esteve a cargo do coordenador que, em apenas sete páginas, nos faz uma resenha da História Militar, de como ela tem sido encarada e entendida nos últimos anos e em vários países da Europa Ocidental, nomeadamente na Grã-Bretanha, na Alemanha, nos Países Baixos, em França, em Itália e, com especial relevo, em Espanha. Relativamente a Portugal, apenas uma, e só uma, referência e esta ligada ao nome de João Gouveia Monteiro e ao seu trabalho *A Guerra em Portugal nos Finais da Idade Média* (1998) o qual, no entanto, é considerado pelo insigne historiador espanhol como trabalho exemplar.

Seguidamente aparecem-nos os oito artigos que abordam variados temas da História Militar, desde a organização militar no Al-Andalus, em Castela e Leão e na Catalunha, à questão da tenência de fortalezas na Coroa de Castela, à ideologia e à guerra, ao direito de guerra e paz na Espanha Medieval, às fontes literárias e literatura militar sobre a guerra, terminando com um artigo sobre a guerra no tempo dos Reis Católicos. Refira-se, a propósito, a inexistência de comunicações, nestas jornadas e neste volume, assinadas por historiadores portugueses.

Todos os artigos são de excelente qualidade e alguns deles apresentam indicações quanto a fontes e a bibliografia importantes que, efectivamente, os enriquecem e que constituem pistas para futuras investigações no âmbito da História Militar Medieval.

Gostariamos ainda de acrescentar que apenas dois dos trabalhos inseridos neste volume, em notas de pé de página, citam estudos e fontes portugueses, quatro no total: dois estudos, um de Mário Jorge Barroca e um de M. Matos e Lemos, e duas fontes, uma de Duarte D’Armas e uma de Fernão Lopes.

Finalizamos dizendo que este tipo de História, a Militar, deverá ser encarada, não como uma especialidade isolada, ensimesmada, mas como parte integrante e importante da História da Idade Média nas suas vertentes económica, social e mental, já que o binómio guerra e paz foi uma realidade e uma constante na vida da população neste período.

Maria Fernanda Mendes Ferreira Santos

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.), 2002 – *Olhares sobre a Europa*, Coimbra, Quarteto.

Integrando as actas de um seminário internacional, realizado em 18 de Abril de 2001 na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, este livro é um dos produtos desenvolvidos a partir de um projecto de mobilidade docente no âmbito do programa Erasmus, centrado nos estudos europeus, que inclui um curso intensivo anual em cada uma das universidades integrantes do projecto. Entretanto, já no âmbito do programa Sócrates, o projecto evoluiu para um master em Estudos Europeus, desenvolvido entre diversas universidades.

Justificando o tema do volume e do seminário a que respeita, a coordenadora do volume repesca uma afirmação de Jacques Delors sobre a necessidade de falar da Europa: «Para que a Europa se reencontre tal como ela nos estimula para construir o seu futuro, é preciso, antes de mais, reencontrar a sua memória».

Produção colectiva, este volume integra oito textos de autores diferentes, com diversas perspectivas disciplinares. Ariane Landuyt escreve sobre a dimensão social no processo de construção europeia; Daniele Pasquinucci aborda a questão dos grupos parlamentares no Parlamento Europeu e a política social da União Europeia; Nicole Pietri analisa as dificuldades do alargamento da União Europeia a Leste; Stefan Bielanski trata da posição oficial da Polónia relativamente ao Tratado de Nice; Robert Bideleux fala sobre o Reino Unido e a problemática da unificação europeia. Mercedes Samaniego Boneu preocupa-se em pensar a Espanha, a partir da nova Europa, enquanto Juan Gay Armenteros aborda os desafios da Europa mediterrânica no contexto europeu. Coube a Maria Manuela Tavares Ribeiro abordar as posições e problemas de Portugal perante o novo desafio europeu, procedendo a um rastrear das posições históricas de Portugal perante a Europa, desde o seu histórico alheamento à sua «redescoberta» recente.

Um pequeno e útil livro para se apreenderem diferentes posicionamentos nacionais perante o desafio europeu.

Jorge Fernandes Alves

RIBEIRO, Maria Manuela Tavares (coord.), 2002 – *Identidade Europeia e Multiculturalismo*, Coimbra, Quarteto.

Na sequência do volume anterior, o livro agora em referência apresenta as actas do Curso Intensivo que decorreu na Universidade de Coimbra, entre 26 de Fevereiro e 7 de Março de 2002, tendo como tema a designação em título. Trata-se de um volume com mais de 400 páginas, agrupando 20 textos relativos às comunicações respectivas.

«Que identidade está em causa? Como gerir o facto de que a Europa democrática requer uma problemática da cultura de massas, ainda pouco pensada no seio dos Estados-Nações? Como inventar uma política cultural no seio da União, sabendo que numerosos Estados são hostis a esta maneira de ver as relações entre a cultura, a sociedade e a política?» - interrogações que a coordenadora levanta de início e que balizaram a discussão desenvolvida no curso, para a qual «mobilizou abordagens de índole teórica e estudos casuísticos oriundos de várias áreas das ciências humanas».

A identidade europeia e o Islão, o diálogo intercultural, os fundamentos e limites do multiculturalismo europeu, o papel da protecção dos direitos do homem e a luta contra as discriminações, a história na construção da identidade, as interrogações sobre o mito da multiculturalidade, a incidência do Tratado de Nice como preliminar de uma Europa-potência, eis alguns dos tópicos abordados, em textos de diferente dimensão, cuja riqueza e diversidade de pontos de vista não é possível abordar neste breve nota de leitura.

Fique, para motivação de leitura, a posição interrogatória de um dos textos: «O que é a Europa? Um espaço geográfico ou um modelo de civilização? Um espaço económico ou modelo político? Uma nova realidade histórica ou um pensamento filosófico?» (Maria Manuela Tavares Ribeiro, p. 279). Questões que continuarão a alimentar muitos debates, neste processo longo e complexo de europeizar a Europa.

Jorge Fernandes Alves